

OS BÚZIOS NAS CULTURAS E RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: SIGNIFICADOS E APORTES ECOLÓGICO/CULTURAIS

Washington Luiz dos Santos Ferreira¹;
Eliane Renata Steuck²;
Eliane Almeida de Souza³

Resumo: Nas comunidades de diferentes grupos étnicos do “continente-mãe” África e seus descendentes (nas suas múltiplas diásporas), destaca-se a apropriação e intenso uso de carapaças calcárias de gastrópodes marinhos (“búzios”). Tentamos reconstruir um panorama historiográfico de algumas das conexões ecológico/culturais e das implicações, associadas aos “búzios” nas culturas e religiões de matriz africana. Procuramos traçar conexões entre estes dados e diversas áreas e campos específicos das Ciências da Natureza, como potenciais aportes para constituição de conteúdos e metodologias para a EREER – *Educação para as Relações Étnico-Raciais*, discutindo equívocos interpretativos e campos promissores. Além de um exercício de pesquisa, compreendemos este ensaio como um esforço na discussão de cenários e processos socioambientais e político-econômicos ocultados pela historiografia oficial, repetidos aos estudantes de todos os níveis de escolaridade e, ousamos sugerir - caminhos epistemológicos -, considerando o potente “diálogo de saberes” que se encontra impregnado nos “búzios” marinhos, com temáticas que se entrelaçam e convergem entre si. Tal exercício pode ser bastante profícuo, e adaptado a outros temas, na análise da História através das diversas Ciências, como contribuição ao adensamento crítico nos conteúdos e propostas pedagógicas para/na EREER.

Palavras-chave: Búzios; Culturas e Religiões Afro-Brasileiras; Interações Ecológico-Culturais.

¹ Oceanógrafo, Educador Ambiental. Pesquisador associado do Laboratório de Gerenciamento Costeiro, Instituto de Oceanografia, FURG – Universidade Federal de Rio Grande. chingkse@gmail.com

² Educadora, Professora da Rede Pública Estadual de Santa Catarina. Doutoranda em Educação Ambiental, FURG – Universidade Federal de Rio Grande. liasteuck@gmail.com

³ Educadora, Pós-Doutoranda em Educação, UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. negrasim2004@yahoo.com.br

LOS CAURÍES EN LAS CULTURAS Y RELIGIONES AFRICANAS: SIGNIFICADOS Y

CONTRIBUCIONES ECOLÓGICAS/CULTURALES

Resumen: En las comunidades de diferentes etnias del “continente madre” África y sus descendientes (en sus múltiples diásporas) destaca la apropiación y uso intenso de conchas calizas de gasterópodos marinos (“buccinos”). Intentamos reconstruir un panorama historiográfico de algunas de las conexiones ecológicas / culturales y las implicaciones asociadas con los “buzios” en las culturas y religiones africanas. Intentamos establecer conexiones entre estos datos y varias áreas y campos específicos de las Ciencias Naturales, como potenciales contribuciones para la constitución de contenidos y metodologías para la ERER - Educación para las Relaciones Étnico-Raciales, discutiendo errores interpretativos y campos prometedores. Además de un ejercicio de investigación, entendemos este ensayo como un esfuerzo por discutir escenarios y procesos socioambientales y político-económicos ocultos por la historiografía oficial, repetidos a estudiantes de todos los niveles de educación y, nos atrevemos a sugerir - trayectorias epistemológicas -, considerando el potente “diálogo de saberes” que se impregna en los “buzios” marinos, con temas que se entrelazan y convergen entre sí. Este ejercicio puede resultar de gran utilidad, y adaptado a otras temáticas, en el análisis de la Historia a través de las distintas Ciencias, como contribución a la consolidación crítica de los contenidos y propuestas pedagógicas para / en ERER.

Palabras llave: Búzios; Culturas y religiones afrobrasileñas; Interacciones ecológico-culturales.

THE COWRIES IN AFRICAN-BASED CULTURES AND RELIGIONS: MEANINGS AND

ECOLOGICAL/CULTURAL CONTRIBUTIONS

Abstract: In the communities of different ethnic groups of the “mother continent” Africa and their descendants (in their multiple diasporas), the appropriation and intense use of limestone shells of marine gastropods (“búzios”) stands out. We try to reconstruct a historiographical panorama of some of the ecological/cultural connections and implications, associated with “búzios” in cultures and religions of African origin. We seek to trace connections between these data and several specific areas and fields of Natural Sciences, as potential contributions for the constitution of contents and methodologies for ERER - Education for Ethnic-Racial Relations, discussing interpretive mistakes and promising fields. In addition to a research exercise, we understand this essay as an effort to discuss socio-environmental and political-economic scenarios and

processes hidden by official historiography, repeated to students of all levels of education and, we dare to suggest - epistemological paths - considering the potent “Dialogue of knowledge” that is impregnated in marine “búzios”, with themes that intertwine and converge with each other. Such an exercise can be quite fruitful, and adapted to other themes, in the analysis of History through the different Sciences, as a contribution to critical densification in the contents and pedagogical proposals for/in ERER.

Keywords: “Búzios”; Afro-Brazilian Cultures and Religions; Ecological-Cultural Interactions.

Introdução

Muitos povos originários, inseridos e profundamente vinculados aos ecossistemas que os abrigam e alimentam, utilizam-se de diversos elementos disponíveis (a partir das estruturas geológicas, da flora e da fauna dos mesmos), para – além de suprir as necessidades básicas de abrigo, alimentação e vestuário -, atender suas demandas estéticas/status social, simbólicas ou mágico/religiosas, de conexão com a dimensão espiritual, e nas interações culturais e econômicas com outras comunidades e/ou grupos étnicos. Nos casos de grupos e comunidades associados com os limites e entornos costeiros e oceânicos do “continente-mãe” África e seus descendentes - nas suas múltiplas diásporas -, destaca-se a apropriação, valorização e intenso uso cultural e/ou religioso, de carapaças calcárias de moluscos marinhos, especialmente de gastrópodes, denominados “caramujos” (ou, mais especificamente, “búzios”) e, em menor escala, também de pelecípodes (ou bivalves, denominadas “conchas”). Neste ensaio, focalizamos nossas análise e digressões sobre os “búzios”.

Procedimentos Metodológicos

Por meio da revisão e análise bibliográfica inter/transdisciplinar, imergimos em duas dimensões complementares: a) culturas e religiões

de matriz africana, e os papéis por estas atribuídos aos referidos “búzios” por culturas e religiões de matriz africana, no continente originário e em sua diáspora no Brasil; b) distribuição biogeográfica de tais espécies de “búzios” mais utilizados neste contexto.

Como fontes, elegemos, prioritariamente, um conjunto de artigos científicos (da área das ciências humanas) e/ou artigos jornalísticos, descritores dos referidos usos culturais e religiosos dos “búzios”. Secundariamente, nos apoiamos em outro conjunto (da área das ciências naturais), para ratificar/retificar aspectos sistemáticos, biogeográficos e ecológicos das espécies descritas dos “búzios”. Os principais usos de 21 espécies de “búzios” foram agrupados em 03 categorias: a) Iniciação, assentamento e pertencimento à identidade cultural/religiosa; b) Oracular (o “jogo de búzios”); c) como moeda, nas trocas comerciais interétnicas. A distribuição geográfica destas espécies de “búzios” foi definida entre o Mediterrâneo, Indo-Pacífico, Oceano Pacífico, Caribe e Oceano Atlântico.

Em nossa síntese interpretativa, procuramos reconstruir um panorama historiográfico de algumas das conexões ecológico/culturais e das implicações simbólicas e materiais, associadas aos diferentes usos destes “búzios” nas culturas e religiões de matriz africana.

Resultados e Discussão

Etimologia e usos da expressão “búzios” e equivalentes

Originalmente, a denominação “**búzio**” deriva da expressão *bucina* ou *bucīnu* (*trombeta* ou *trombeteiro*, em latim; *buzina*, em português), devido à utilização de algumas espécies das carapaças calcárias de moluscos gastrópodes marinhos, como instrumento de sopro por pescadores, para anunciar sua chegada ao porto, ou como meio de comunicação.

Esta utilização também consta da descrição etnográfica de comunidades pesqueiras da Papua-Nova Guiné, integrante do cerimonial que envolvia o *Kula*, sistema de interação socioeconômica, entre diferentes comunidades e etnias, no qual os “búzios” tinham um papel de destaque:

... na ilha *Sinaketa*, recebemos a **visita de retribuição** dos habitantes de *Dobu*, ansiosamente aguardada pelos nativos; efetuam-se **três dias de transações kula**, com os nativos de *Dobu* fornecendo, entre outras coisas, sagu, e os de *Sinaketa*, carne (porco), todas **antecedidas** pelo **toque sonoro de “búzios”** (MALINOWSKI, 1978, cap. XVI; grifos nossos).

Em outro contexto ecológico/cultural distinto, imerso no hibridismo religioso hinduísta/muçulmano (no sudeste asiático), durante a vigência do período colonial britânico, também foi registrado este antigo uso dos “búzios”, como *trombeta*:

... **em Calcutá** (...), **era o início da noite** de um quente dia de abril, com os últimos raios do sol tremeluzindo sobre o rio Hooghly. (...) Os ghsts nos arredores estavam repletos de banhistas, esfregando a poeira do dia, e os telhados e terraços escurecidos de musgo (...) estavam cheios de gente, que saíra para apreciar a brisa ao pôr do sol. Por toda parte na vizinhança, **conchas de estrombos eram sopradas, anunciando** que se acendiam as primeiras lamparinas, e o chamado do muezim podia ser ouvido de longe, flutuando sobre a cidade... (GHOSH, 2011: 163; grifos nossos).

Neste caso, constata-se que o autor se refere a uma grande carapaça calcárea de molusco marinho (à qual ele associa a expressão “concha de *strombo*”)⁴. Por outro lado, a denominação

⁴ A espécie descrita, muito provavelmente, se refere à *Strombus goliath*, ou outro *Strombus* sp., caracterizado por exemplares de grande porte, utilizados com finalidades similares, em diversos outros contextos étnico-culturais, como no litoral nordeste do Brasil (Vide secção - Distribuição Biogeográfica e Usos dos Búzios).

“búzios” foi também, historicamente, atribuída aos pescadores-mergulhadores, extrativistas de seres ou recursos do fundo do mar:

...as **Ilhas das Pérolas** ficam ao longo do continente, lado a lado, rente à costa. Começam a umas oito léguas a oeste-sudoeste do Panamá e se espalham cerca de 30 léguas para o sul (...). **As únicas habitadas abrigam uns negros**, que são mantidos ali a força, fazendo **trabalho escravo para os espanhóis** (...). A maneira como **eles pegam as pérolas** é um ritual sem igual: usam pequenos escaleres ou barquinhos recortados em troncos, que enchem com quatro, cinco, seis e até oito negros; só embarcam negros **reconhecidos como bons mergulhadores e exímios nadadores. Os espanhóis chamam estes pretos de “búzios” ou “bugios”**. Através de prática contínua e de treinamento desde a infância, os negros aprenderam a suspender a respiração embaixo d’água o tempo que for necessário para concluírem seu trabalho (HAWKINS, 1594 *apud* SAN MARTÍN, 2001: 395-396; grifos nossos).

Usos contemporâneos de “búzios” na(s) África(s) e no Brasil

Registros etnofotográficos relativamente recentes (LANGE, BECKWITH, FISHER, 2004) revelam que as mulheres e crianças da etnia *Himba* continuavam (até há pouco tempo) a usar colares, braceletes e pingentes de pequenos “búzios” *Cypraea spp*, e outros gastrópodes marinhos de grande porte (*Conus spp*), como pingentes do pescoço e peitorais. Esta comunidade encontra-se situada nas imediações do deserto da Namíbia, e distante aproximadamente 130 km da “Costa dos Esqueletos”, no litoral do sudoeste africano. O fotógrafo documentarista Sebastião Salgado (2013) também registrou a utilização de “búzios” por comunidades *Himba* em Muramba (próximo às montanhas Zebra, em Kaokoland, na Namíbia); na povoação de *Mishera* (a 1.474 m de altitude) e na comunidade *Dargui*, povoação *Mursi* (no Parque Nacional Mago, próximo de Jinka, na Etiópia).

Este contínuo uso tradicional dos “búzios” marinhos, por diversas etnias e culturas, vinculadas ecológica e simbolicamente às áreas

desérticas e/ou montanhosas africanas, ratifica a tese da existência/permanência de um sistema, pretérito e remanescente, de trocas e/ou comércio de longa distância, com populações e etnias costeiras (e/ou seus intermediários), para efetivar a sua apropriação dos mesmos.

Por outro lado, alguns registros mais recentes indicam um processo de progressiva substituição de parte da indumentária (vestuário e adereços), confeccionada a partir de elementos e matérias-primas locais regionais e tradicionais, em função da expansão das redes transnacionais de produção e comércio, que chegam até estas comunidades.

... no sul da Etiópia, as tribos do Vale do Rio Omo – como a etnia *hamer* – são exemplos de povos nativos africanos que estão em plena transição (...). Em 2010 (...), quase todas as mulheres ainda vestiam roupas nativas. Elas levavam um longo pedaço de pele de cabra pendurado no pescoço, cobrindo a frente do corpo. A borda da pele do animal era decorada com dezenas de búzios (...). Os *samburus*, uma etnia do Quênia, a algumas centenas de quilômetros ao sul, usavam essas mesmas vestimentas de couro... há 30 anos. Hoje as mulheres *samburus* só se vestem com panos coloridos tipicamente africanos, fabricados na Índia ou na China (CASTRO, Agosto/2017; grifos nossos).

Neste processo, colares e braceletes (dentre outros), fabricados artesanalmente de contas, sementes e “búzios”, entrelaçados por fibras vegetais e animais, vão cedendo lugar a artefatos industriais de plástico e vidro, caracterizando uma paródia depauperada das antigas rotas do sistema comercial pan-africano, que conectava o continente com muitas outras culturas e etnias, através do intercâmbio de produtos e objetos valorizados por sua qualidade e raridade relativa. No Brasil contemporâneo, são ainda recorrentes e habituais os registros do uso de “búzios”, como parte de braceletes e/ou pingentes, usados por

integrantes do ritual de iniciação nas religiões de matriz africana (MEDEIROS,1951)⁵, assim como na forma de ornamentos e adereços, associados à identidade cultural afrodescendente.

Diferentes usos de “búzios” nas culturas e religiões de matriz africana

No Brasil, como na(s) África(s), são frequentes e contínuos os registros de usos culturais e/ou religiosos de “búzios”, por integrantes dos rituais de iniciação, como instrumentos de oráculo, e como ornamentos e adereços, associados à identidade cultural e/ou religiosidade africana e afrodescendente. A grande diversidade de usos históricos e/ou contemporâneos dos “búzios” marinhos pode ser agrupada em três grandes categorias complementares e interativas:

a) Iniciação, assentamento e identidade cultural/religiosa:

Religiosidade: assentamentos e fios de contas

Os “búzios”, neste caso, são utilizados como adorno em diferentes peças da indumentária característica de diversos Orixás, colares e/ou instrumentos simbólicos, enquanto meio de identificação e comunicação com os próprios Orixás (PRISCO, 2012).

... **os fios de conta** representam a **ligação com o orixá de cabeça**, com a entidade guia do terreiro ou ainda do dirigente da casa. Além da função religiosa, ele pode ser usado **como adereço**, ou ainda **como demarcador de pertencimento a uma “nação”** (Lody, 2010). Em todos os casos, é uma **materialização da devoção a determinada entidade**. No caso de **assentamentos de Exu**, como a *Monetaria moneta* é vista como **moeda mítica dos orixás** (Prandi, 2001) e tal entidade é

⁵ Para detalhes imagéticos, ver: MEDEIROS,1951: pp: 169, 173-176; 179-180; 183; 188; 193-196.

uma das ligadas à via pública e ao comércio, **sempre se deve utilizar as valvas desse molusco em seus assentamentos.** Também **por se relacionar à Nanã e Omolu, as armas desses orixás** (o *Ibiri* e o *Xaxará*) **devem incluir da mesma forma suas valvas** [PEREIRA, 2014: 135; grifos nossos].

Vale ressaltar que diversas outras espécies de “búzios” marinhos eram também utilizadas, com finalidade religiosa e/ou estética, pelos povos originários da(s) África(s):

... algumas **conchas grandes** eram também **apreciadas entre os acãs**, pois acreditavam que estas lhes atribuíam **poder sobrenatural**. Alguns pesquisadores afirmam que, **tanto no Mali como no Gaô, eram utilizadas umas conchas pequenas, chamadas cauri, que foram utilizadas como moeda** (SILVA, 2002: 199). É possível que os **acãs tenham utilizado o cauri, não só como moeda, mas também como adorno, atribuindo a esta concha um certo fetiche** (SILVA, 2002: 201). No mercado, **outras conchas, de diferentes formatos e cores, eram igualmente procuradas**, e a elas eram **atribuídos valores muito específicos** (MARIA, 2015: 78; grifos nossos).

Identidade étnicocultural: adereços estéticos e guerreiros

Os búzios se constituem, também, em elemento de (re)afirmação da identidade cultural e do pertencimento à determinadas etnias, culturas e categorias sociais africanas e afrodescendentes:

... além da importância para os rituais religiosos, os cauris servem de adereços **nos dois lados do atlântico. Em Angola, o uso de búzios era utilizado até mesmo para guerras** (Silva, 2002: 422), a fim de dar força e axé aos guerreiros *muxiluandas*, assim como tinha outras significações como assinala Câmara Cascudo: ... **ainda hoje o búzio é o elemento inevitável na ornamentação pessoal dos pretos, pretas e pretinhos, de Tanganica ao Senegal. Já não vale bois, escravos, mulheres, mas não é possível uma criatura enfeitada para a dança e guerra sem algumas centenas de búzios, artisticamente espalhados pelo corpo, dos jarretes à ornamental cabeleira** (Cascudo, 1965: 154) [CRUZ, 2010: 05; grifos nossos].

b) Oracular (o “jogo de búzios”):

Os “búzios” também estão, tradicional e profundamente, associados à função oracular, utilizando-se diferentes métodos, sendo o mais comum o *arremesso de um conjunto de 16 búzios sobre uma mesa previamente preparada e na análise da configuração que os búzios adoptam ao cair sobre ela:*

... considera-se que as divindades afetam o modo como os búzios se espalham pela mesa, dando assim as respostas às dúvidas que lhes são colocadas. **No Brasil, os búzios (...) são usados pelos Babalorixás e Iyalorixás para comunicação com os Orixás, nas consultas ao jogo de búzios ou eMerindelogan** (PRISCO, 2012: 47; grifos nossos).

Segundo o depoimento de uma informante qualificada na temática em estudo, enquanto *Ialorixá*⁶, o “jogo de búzios” não se resume a uma consulta sobre as perspectivas mundanas, mas essencialmente, para o reconhecimento da identidade e filiação espiritual das pessoas:

... na condição de religiosa da Matriz Africana, pesquisadora e ativista do Movimento Negro (...), é a partir do *jogo de búzios* que firmo minha espiritualidade, pois usamos o *ifá* (jogo de adivinhação), desde a nossa acolhida no Terreiro, para questões, espirituais, sentimentais e profissionais. Na maioria das vezes, o jogo revela o regente da cabeça, corpo e pés do consulente, que após seu processo de iniciação, ele recebe de seu cuidador, ou denominado “Pai”, “Mãe”, “Zelador”, etc. [depoimento de *Negríta*, 15/Abril/2021].

c) “Búzios” como moeda, nas trocas comerciais interétnicas:

⁶ *Ialorixás, Iás* ou *Yabás*: designações das representantes de terreiros no Brasil, quando mulheres (nos casos de sacerdotes homens, esses são referidos como *Babalorixás* ou *Bábas*). Na referência em destaque, a depoente (autodenominada) *Negríta* é residente e atuante em Porto Alegre, RS.

A utilização de diferentes espécies de “búzios”, como moeda de trocas nas interações comerciais, inicialmente entre diversas populações e etnias africanas, é muito antiga. Esta estratégia econômico-cultural - tipicamente africana -, foi, posteriormente, incorporada nas conexões das etnias e comunidades africanas, com comerciantes árabes, asiáticos e europeus:

... as **sociedades** formadas nas bordas do **deserto do Saara** estabeleceram relações com **povos do interior do continente africano e exterior** a este (...). O **comércio exterior** ligava os **países sudaneses** aos da **bacia mediterrânea**, e a algumas **cidades europeias**. Os **principais produtos** eram: **cauris**, produtos alimentares de luxo (trigo, frutos, passas e tâmaras), cavalos, tecidos luxuosos e comuns, metais (cobre, ferro, prata, estanho e chumbo), **escravos** (...). **Cambiavam-se, no sentido norte-sul**, produtos como sal, tecidos, cobre, pérolas, **cauris**, tâmaras, gado, cavalos, burros e peixe seco. No sentido sul-norte, os principais produtos eram os **escravos** e o ouro ... (MARIA, 2015: 71; 73; grifos nossos).

As descrições históricas remetem à ocorrência e uso de diferentes espécies de “búzios”, enquanto moeda nas trocas comerciais, em Angola e região adjacente:

... assim, **as primeiras peças que serviam de trocas comerciais eram os colares feitos com cochas de caracóis**, perfuradas no topo e atravessadas em fios de fibras têxteis. O **Zimbo (njimbu)** era um **pequeno búzio cinzento**, instrumento de troca mais importante e que **caracterizava na época a moeda local em toda costa Ocidental africana**. Possuía o tamanho de café e localizavam-se em grande parte na Ilha de Luanda (...). Em consequência da queda das moedas ora mencionadas, **surge em meados do século XVI uma espécie de moeda, que viria ser preciosa pelos europeus portugueses**, devido a sua rara aparição. O **“Cauris” era concha branca de rara beleza. A sua generalização em Angola e no Congo teve lugar a partir do século XVI** e foi **consequência das relações comerciais dos mercadores portugueses que, por via marítima, o importavam do Oriente...** (SIMÃO, 2019: 347-348) [apud AGOSTINHO, 2020: 82-83; grifos nossos].

Muito distante da(s) África(s), o uso dos supra citados búzios “cauri” *Cypraea moneta*, como moeda nas trocas econômicas no sudeste asiático, também foi registrado, como parte da reconstituição histórico-cultural do contexto familiar de trabalhadores indianos, em meio à produção e exportação do ópio, pela britânica *Companhia das Índias Orientais*:

... temos de encontrar *Kalua* e seu carro de bois, disse Deeti. *Chal*; vamos andando. **A aldeia dos Chamars, onde vivia Kalua**, era a uma curta caminhada de distância (...). O problema era que, provavelmente, **esperaria ser pago** e ela não conseguia pensar em nada para lhe oferecer; não tinha grãos ou frutas de sobra, **quanto a dinheiro, as conchas de cauri em sua casa** não chegavam a um *dam* ... (GHOSH, 2011: 35; grifos nossos).

Neste caso, algumas passagens descritoras dos hábitos familiares reiteram a utilização desta espécie de gastrópode marinho como moeda, em comunidades muito distantes das margens do Oceano:

... Deeti (...) vivia no norte de *Bihar*, a mais de seiscentos quilômetros da costa; **seu vilarejo ficava de tal modo no interior do continente, que o Oceano parecia tão distante quanto o mundo inferior** (...). O vilarejo onde morava (...) ficava **nos arredores da cidade de Ghazipur**, cerca de **oitenta quilômetros a leste de Benares** ... (GHOSH, 2011: 11; grifos nossos).

Usos de espécies de “búzios” exóticas (importadas) no Brasil

Apesar da ocorrência e distribuição biogeográfica de diversas espécies da família *Cypraeidae* e outros “búzios” marinhos na margem oeste (W) do Oceano Atlântico, persiste o uso cultural/religioso, de diversas espécies originalmente utilizadas no continente africano, com distribuição na margem leste (E) do Oceano Atlântico e o Oceano Índico.

... a análise dos **moluscos que compõem o candomblé** permite compreender como os negros/escravos, **introduziram o uso de diversas espécies** deste filo **no Brasil** como uma **expressão da diáspora** ocorrida. Esta constatação nos leva a afirmar que **a ação resultou tanto numa "diáspora animal", como numa bio-invasão**. Assim, torna-se possível compreender os usos que estes animais possuem para o culto ao longo de sua trajetória e também verificar como os afrodescendentes e adeptos desta religião conseguiram perpetuar suas tradições quanto ao uso dos moluscos no candomblé (PEREIRA, 2014: 120; grifos nossos).

Esta recorrência da utilização cultural/religiosa (no continente americano, e mais especificamente, no Brasil) de espécies exóticas à sua biogeografia determina a necessidade de contínua importação e distribuição das mesmas, para a sua comercialização nas “casas de religião” e/ou outros espaços da cultura negra/afrodescendente.

... tanto **no território brasileiro**, como de outros países das Américas, não ocorre uma criação e uma recriação a partir de um vazio ou de uma simples artimanha subjetiva, mas **a retomada de uma realidade histórica vivida concretamente e em todas as suas dimensões da cultura e da transcendência**, uma reconstrução **a partir da própria história**, montando em novo contexto o que foi destruído, fragmentado, sufocado, mas que permanece vivo para a nova experiência. **Para o povo yorùbá, um dos signos associados à dinâmica é o òkofó, caracol símbolo de Èsù, que representa o crescimento infinito e contínuo**. Esta foi a inspiração para construção da arte gráfica do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (SEPIR/SPCT-MJC, 2016: 12; grifos nossos).

Tais usos culturais/religiosos de espécies exóticas de “búzios” marinhos (importados) também são referidos dentre as descrições de vestígios arqueológicos, relativos à navegação e comércio internacional pretéritos, como no litoral da Bahia:

... no Brasil, até hoje as *Cypraea spp* são utilizadas no Candomblé (os famosos “búzios”), e **se pode encontrar às vezes, nas praias de Salvador, alguns exemplares de *C. moneta* e *C. annulus*; elas vêm de barcos portugueses naufragados na**

costa baiana que, depois de tempestades, vem parar na praia... (COLTRO, sd; grifos nossos).

No resgate historiográfico da escravidão na Ilha de Santa Catarina (Florianópolis, SC), um fragmento de documento sobre a fuga de escravos interage com o tema desta pesquisa, sendo muito elucidativo sobre a mentalidade reinante à época:

... **redes de relações interpessoais** que, como vimos, **podiam ajudar a mapear a trajetória de um cativo fugido** nas freguesias de um município e bem além de suas fronteiras. No entanto, **“escravos” em fugas também possuíam suas redes de proteção**. Contra a prática de acoitar fugitivos, os senhores publicavam seus protestos. **Depois de algum tempo desaparecido, Francisco**, crioulo, pertencente ao Coronel Agostinho Alves Ramos, **fora localizado em casa de Porfírio Ignácio dos Santos, no lugar dos Zimbos** (CARDOSO, 2008: 284; grifos nossos).

Neste caso, a adoção do vocábulo “Zimbos”, parece derivar da perspectiva utilitarista e desumanizadora (característica do tráfico e uso de populações escravizadas, para sustentar a economia regional no sul do Brasil), generalizando a denominação do referido búzio “Zimbo” (*Olivancillaria nana*), para qualquer local de concentração de africanos escravizados.

Ao comentar o livro-catálogo de Tavares e Garcia (2008), *Diásporas Africanas na América do Sul: uma ponte sobre o Atlântico*, o autor (RODRIGUES, 2012) destaca o papel da etnofotografia no desvelamento de identidades indígenas e africanas, invisibilizadas pela aculturação, imposta pela colonização eurocêntrica, e ainda muito arraigada em nossos países ao sul do Equador:

... há uma **carência de estudos e pesquisas para a construção da nossa história a partir de elementos iconográficos**. Na civilização ocidental, percebe-se que esse tipo de discurso, quando se trata da diáspora africana, não passa do plano do exotismo, visão básica do olhar observador do estrangeiro

viagante, ou seja, o turista (...). Sair em busca de reminiscência e **reunir através de imagens símbolos da africanidade dá um alento ao que já está quase fora do alcance da memória e da oralidade**, apenas no plano da suposição. **O garimpo de grupos e populações representantes de novas políticas de identidade faz sentir o vácuo deixado pela historiografia** na tentativa de manter a política do estereótipo do perfil europeu, além de omitir a contribuição cultural e econômica durante a colonização. Ao folhear as páginas do livro de Garcia e Tavares, fica a impressão de que **algo precioso deixou de ser revelado sobre os povos sul-americanos, em algum lugar do passado** (RODRIGUES, 2012: 02-03; grifos nossos).

Uso de outras espécies e famílias de “búzios” marinhos nativos no Brasil

Paralelamente, no continente americano (em especial, no Brasil), também se faz uso (secundário), de algumas espécies da família *Cypraeidae* e outros gastrópodes marinhos, típicos da biogeografia regional:

... por falta de dados históricos mais precisos, podemos apenas destacar o fato indicado por Pereira (2014a): **a maioria das espécies utilizadas no candomblé não possuem origem na fauna brasileira**, mas sim **provém de região da costa oriental e ocidental do continente africano**, bem como **zonas do Oceano Índico e Mar do Caribe** (com exceção apenas da *Olivancillaria nana*, presente nas duas margens do Atlântico) (PEREIRA, 2015: 14; grifos nossos).

Apesar das distorções e preconceitos eurocêntricos nos relatos, a historiografia registra que outras populações distintas das africanas, como os povos originários do Brasil, também se utilizavam de algumas espécies de gastrópodes, como objetos de trocas:

... **[os indígenas do Brasil] não usam dinheiro**; quando um índio convida outros a ajudar em seus roçados (...) paga-os com muita bebida ao fim do dia, enquanto dure o trabalho (...). E, **como troco, usam** contas, **búzios**, e até as mulheres (CARDIM, 1597: 73; grifos nossos).

Distribuição biogeográfica das espécies de “búzios” mais utilizados

A integração entre alguns aspectos da diversidade sistemática, da distribuição biogeográfica das espécies de “búzios” marinhos, e seus principais usos nas culturas de matriz africana (entendendo a religiosidade como parte integrante e indissociável da mesma), possibilita uma aproximação à sua complexidade ecológico/cultural (Tab. 1).

Tabela 1: Sistemática, biogeografia e usos de “búzios” nas culturas de matriz africana

Família/Espécie	A	B	C	D	Distribuição Biogeográfica
TROCHIDAE					
<i>Telescopium telescopium</i>				11	IP. Madagascar, Quênia. OP: Polinésia, Indonésia, Filipinas, Austrália, Japão.
TURBINIDAE					
<i>Turbo petholatus</i>				11	IP.
STROMBIDAE					
<i>Strombus pugilis</i>				11	CA. OA: Venezuela, Brasil
<i>Strombus aurisdiane</i>				11	IP. OP.
<i>Strombus sinuatus</i>				11	OP
<i>Strombus goliath</i>				11	OA: Endêmica do Brasil: CE-ES; Abrolhos.
<i>Lambis scorpius</i>				11	OP: Polinésia, Austrália, Japão. IP: África Oriental – Samoa. Ol: Chagos, Madagascar, Tanzânia.
CYPRAEIDAE					
<i>Cypraea caputserpentis</i>	4, 13			4, 8, 11	MV. leste África do Sul. IP: Austrália, Filipinas. Ol: Chagos, Comores, Quênia, Madagascar, I. Reunião, Seychelles, Somália, Tanzânia.
<i>Cypraea moneta</i>	2, 3, 4, 11		4, 11	7, 8, 10, 12	MV. Ol: leste da África do Sul, Chagos, Comores, Quênia, Madagascar, Ilhas Maurício, Moçambique, Ilhas Reunião, Seychelles, Somália, Tanzânia.
<i>Cypraea tigris</i>				11	MV. Ol: Leste África do Sul, Chagos, Comores, Quênia, Madagascar, I. Maurício, Moçambique, I. Reunião, Seychelles, Somália, Tanzânia.
<i>Cypraea vitellus</i>				11	MV. Ol: Chagos, Comores, Quênia, Madag, I. Maurício, Moçambique, I. Reunião, Seychelles, Somália, Tanzânia. OP: Filipinas, Palau, Samoa, Polinésia, Havaí, Vietnã.

<i>Cypraea zebra</i>	3				Carolina do Norte-Flórida, Texas, Índias Ocidentais, leste Colômbia, Venezuela, Suriname, Brasil (MA-RS; Trindade).
<i>Cypraea tigris</i>				11	
VASIDAE					
<i>Vasum turbinellus</i>				11	MV. OI: Seychelles, Chagos, Madag., Tanzânia. IP: África Oriental, Zanzibar, Polinésia, Filipinas, Japão, Austrália.
VOLUTIDAE					
<i>Cymbiola vesperilio</i>				11	OP centro-oeste. IP. OÍ.
<i>Zidona dufresnei</i>				11	OA: RJ-Golfo de San Matías (Arg). OP: Chile.
OLIVIDAE					
<i>Olivella nana</i>	1, 5, 6, 12	5, 9, 11, 13			OA: Cabo Verdes - oeste da África (Angola). OÍ: Madagascar.
MELONGENIDAE					
<i>Pugilina morio</i>				11	Oeste da África (Canárias, Angola, Cabo Verde, Gabão, Maurítânia), CA: Antilhas Menores, Martinica. OA: Venezuela, Suriname, Brasil [PA-SC].
CONIDAE					
<i>Conus figulinus</i>				11	OI: Madagascar, Ilhas Maurício, Tanzânia. IP.
<i>Conus planorbi</i>				11	MV. OI: Madagascar, Seychelles, Chagos. IP.
<i>Conus quercinus</i>				11	IP.

DISTRIBUIÇÃO BIOGEOGRÁFICA - **CA**: Caribe; **IP**: Índico-Pacífico; **ME**: Mar Mediterrâneo; **MV**: Mar Vermelho; **OA**: Oceano Atlântico; **OI**: Oceano Índico; **OP**: Oceano Pacífico; **AS**: América do Sul [Rios, 1994; Pereira, 2014].

USOS DOS BÚZIOS - **A**: Moeda de troca nas Áfricas; **B**: Moeda de troca no Brasil; **C**: Oracular - "jogo de búzios"; **D**: Iniciação, assentamento e pertencimento.

FONTES: Elaboração dos autores, com base nos dados de: **1** (Souza, 1966); **2** (Hogendor, Johnson, 1986); **3** (Cacciatore, 1988); **4** (Beniste, 1997); **5** (Sandroni, 1999); **6** (Alencastro, 2000); **7** (Prandi, 2001); **8** (Linares, 2007); **9** (Cruz, 2010); **10** (Lody, 2010); **11** (Pereira, 2014); **12** (Mayunga, Olo, 2016); **13** (Prisco, 2012).

Sistemas pan-africano/árabe e eurocêntrico de comércio

A disponibilização para os usuários destas diferentes espécies de "búzios" marinhos envolvia a coordenação entre o extrativismo em larga escala, o armazenamento e o transporte, desde as diversas áreas biogeográficas de ocorrência das mesmas, até a sua comercialização, ao longo das rotas, feiras e mercados locais, regionais e distantes.

... algumas vivem próximas à costa, e até na faixa da maré, como por exemplo as comuns *Cypraea annulus* e *C. moneta*. Estas duas espécies foram amplamente utilizadas como moeda, desde o século I até o século XVIII, principalmente em regiões onde não podiam ser encontradas com facilidade. Os árabes usaram milhões destas *Cypraea spp.*, como lastro em seus navios até o norte da África e, em seguida, as transportaram para o oeste da África, onde as trocavam por escravos e ouro. Os portugueses também tiveram papel importante na utilização das *Cypraea spp.*, como dinheiro. Aliás, o nome popular da *Cypraea* em inglês é "Cowrie", que nada mais é a palavra portuguesa "Cauri" (Concha), adaptada para o inglês... (COLTRO, sd).

Este sistema comercial implicava a necessidade da combinação de um grande conjunto de rotas terrestres, interligando a linha de costa, até as comunidades situadas muito no interior do continente africano (através das extensas e contínuas caravanas de camelos e/ou jumentos), com o tráfego marítimo de embarcações, entre diferentes localidades costeiras no litoral africano, e outras situadas em países e continentes muito distantes.

... foi a partir do século VIII que estes sofreram a influência dos muçulmanos e se islamizaram, fator que não representou o abandono de suas crenças tradicionais (...). A adoção ao Islã por parte de diferentes grupos étnicos foi motivada por diversos fatores. Os comerciantes, a exemplo dos *hauçá* e *diula*, buscaram nesta nova crença maneiras de assegurar suas negociações. *Eram muitas as dificuldades que encontrariam, principalmente no comércio a longa distância, o que exigia certa segurança, encontrada nos laços de solidariedade e proteção, criados a partir da religião* (M' BOKOLO, 2009: 135) [MARIA, 2015: 71-72].

Para viabilizar tal fluxo de mercadorias, eram exigidos grandes conhecimentos de astronomia e navegação, para transitar com segurança através de grandes extensões de áreas desérticas ou densamente florestadas (no interior do continente), ao longo das costas e em pleno oceano aberto. Também implicava no conhecimento detalhado da sazonalidade dos regimes de ventos secos e úmidos (as

monções) e das correntes marinhas, para estabelecer os períodos e as rotas mais adequadas a estas longas viagens.

... as **rotas de comércio a longa distância** compreendiam o Saara, Rio Níger, Rio Nilo, Oceano Índico. Este último é interessante para se pensar os **contatos entre África Oriental à Arábia, Arábia à Índia, Índia à Indonésia, e Indonésia à China**, possibilitado pela existência de correntes marítimas e atuação de massas de ar, que facilitavam contatos marítimos – o chamado *Ciclo monçônico* –, aproximando povos e regiões (...). **Produtos como búzios, sal, tecidos, rafia, noz-de-cola, ouro, marfim, contas, conchas, barra de ferro, cruzetas de bronze, peixe seco, outros produtos, e africanos cativos serviam para abastecer e incrementar os gostos de consumidores de diversas camadas sociais** (MORTARI, 2015: 63-69; grifos nossos).

Este complexo sistema, inicialmente autóctone, dentre muitas etnias e comunidades africanas, com posterior intermediação de comerciantes árabes, foi – desde os primórdios do período colonial –, absorvido e incorporado na lógica mercantilista, pelos comerciantes europeus e de suas novas colônias nas Américas e na Ásia.

Implicações ecológico/culturais dos usos dos “búzios” e potencial didático na EREER

Ainda que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EREER - Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tenham atravessado quase duas décadas (a resolução data de 2004), muitos temas (como no presente caso, os usos culturais e econômicos dos “búzios”) se encontram em aberto, em ilhas de desconhecimento, que têm contribuído para a manutenção de uma ideia equivocada, de que tais temas tenham relação apenas com disciplinas específicas, no campo das ciências ambientais ou econômicas.

Neste contexto, trazer a discussão da EREER para áreas consideradas como um campo neutro (como a ecologia e as demais

ciências ambientais), que se efetivam muitas vezes desconectadas das questões sociais, se apresenta, não apenas como necessário, mas como fundamental para o campo da Educação. O campo, por origem, não é neutro, assim como não o é o currículo, composto de escolhas, que atendem à ordem hegemônica, que se lança ao propósito da homogeneização de saberes.

Impactos ambientais do extrativismo massivo e contínuo dos “búzios”

A historiografia registra também um intensivo e contínuo processo extrativista de grandes estoques populacionais de diferentes espécies de “búzios”, utilizadas (especialmente, mas não exclusivamente) como moeda de troca, em ambos os lados do Oceano Atlântico. Esta retirada massiva e contínua de organismos marinhos (diversas espécies de herbívoros e algumas de carnívoros) pode provocar, tanto o desenvolvimento descontrolado de suas presas originais, como a expansão populacional de outras espécies (oportunistas), até então reguladas pela predação exercida por tais espécies de “búzios”.

Localizamos alguns registros (parciais/pontuais, mas sugestivos da importância) dos volumes de “búzios” coletados e do significado político-econômico destas atividades, de ambos os lados do *Atlântico Negro*:

Na África,

... de propriedade do rei do Congo, os cauris ou zimbo eram **apanhados** apenas pelas mulheres **na ilha de Luanda**, que (...) mergulhando, enchiam de areia uns cestos estreitos e compridos, a que chamavam “cofos”- **cada “cofo” continha 10 mil zimbos...** (Alencastro, 2000: 449). De acordo com Silva: ... **em 1571**, quando se criou a Capitania e governança de Angola, sendo seu capitão-donatário o nobre português Paulo Dias de Novais, **Angola era habitada pelos muxilundas**, que se dedicavam a coleta de marisco e a pesca de peixes e baleias;

entretanto **a riqueza da ilha era de fato os zimbos** (Silva, 2002: 408) [CRUZ, 2010: 05; grifos nossos].

No Brasil,

... **a Comarca de Ilhéus não explorava ouro** para as transações comerciais, e **possuía engenhos que produzissem açúcar** para hipotecar, a fim de que **comprássemos escravos**. Então, a compra dos africanos que desembarcaram em Ilhéus durante o período colonial era financiada pela produção de alimentos, a exploração madeireira, dentre outras atividades econômicas, que garantiam a reprodução do escravismo na região. Neste sentido, **a exploração do zimbo teria sido uma atividade econômica complementar no âmbito da economia regional** (CRUZ, 2010: 04; grifos nossos).

Em consequência, tais atividades pretéritas podem ter sido responsáveis por grandes impactos socioambientais, atingindo diretamente as espécies marinhas que se alimentam dos “búzios”, como polvos e peixes, os quais servem tradicionalmente como fonte de alimentação de subsistência, e como mercadoria, para muitas comunidades de pesca artesanal.

Desde outro sistema de valoração, de uso estético/decorativo, muitas espécies de “búzios” também foram (e continuam a ser) intensivamente exploradas no sudeste asiático:

... um trabalhador da fábrica lhe mostrou o centro de processamento e um “galpão aberto gigantesco” com portões altos e segurança. “Assim que abrimos os portões, eu vi **caminhões – um atrás do outro, cheios de “conchas”**, até onde eu conseguia enxergar – e isso mudou minha perspectiva”, diz ele. “Foi quando **entendi a escala dessa indústria**”. **Essa fábrica processa de 30 a 100 toneladas de conchas por mês**, e, Bansod diz, várias outras fábricas existem no sul da Índia. As dúzias de **espécies de conchas** vão de “**lambis**”, uma concha curva com protuberâncias compridas que lembram pernas de aranha, até a **green turban**, com suas camadas verticais em verde esmeralda, branco e marrom: **ambas as espécies são listadas no India’s Wildlife Protection Act e, logo, é ilegal coletá-las no país** (...). Enquanto alguns são capturados por sua carne, **outros – como o Nautilus pompilius**, conhecido por sua concha linda e colorida – são **capturados apenas para fins decorativos** (NGM BR, Julho/2018; grifos nossos).

Percepções da ciência sobre os “búzios”

Registros de sinonímias

Associadas ao conjunto de espécies de “búzios” marinhos vinculados às culturas e religiões de matriz africana (segundo revisão de artigos das ciências sociais), foram constatadas diversas *sinonímias* (diferentes denominações da mesma espécie, atribuídas por distintos autores e/ou em diferentes períodos). Para facilitar sua análise comparada, apresentamos as grafias atualmente adotadas (que remetem à denominação mais antiga e/ou a mais adequada filogeneticamente), seguidas das respectivas *sinonímias* (**Tab. 2**).

Tabela 2: Sinonímias na nomenclatura de espécies de “búzios”

Espécies	Sinonímias
<i>Telescopium telescopium</i>	<i>Trochus telescopium</i>
<i>Strombus goliath</i>	<i>Titanostrombus goliath</i>
<i>Cypraea caputserpentis</i>	<i>Monetaria caputserpentis</i>
<i>Cypraea moneta</i>	<i>Monetaria moneta</i>
<i>Cypraea zebra</i>	<i>Macrocypraea zebra</i>
<i>Cypraea exanthema</i>	<i>Macrocypraea cervinetta</i>
<i>Cypraea surinamensis</i>	<i>Propustularia surinamensis</i>
<i>Cypraea cinerea</i>	<i>Luria cinerea</i>
<i>Cypraea acicularis</i>	<i>Erosaria acicularis</i>
<i>Cypraea spurca</i>	<i>Naria spurca</i>
<i>Cymbiola vespertilio</i>	<i>Voluta vespertilio</i>
<i>Olivella minuta</i>	<i>Olivella verreauxii</i>
<i>Olivella nana</i>	<i>Olivancillaria nana</i>
<i>Cymatium parthenopeum</i>	<i>Monoplex parthenopeum</i>
<i>Conus planorbi</i>	<i>Conus quercinus</i>

FONTE: Elaboração dos autores.

“Homenagens” à cultura e religiosidade africana e/ou afrobrasileira

Para demonstrar algumas possibilidades de abordagem das interações ecológico/culturais, utilizando os “búzios” e similares,

problematizamos alguns aspectos do sistema de nomenclatura científica, que faz referência às características das espécies, os locais de ocorrência, pessoas e expressões culturais associadas. Na revisão sistemática e biogeográfica dos moluscos marinhos do Brasil (Rios, 1994), constatamos **14 espécies**, cujas denominações fazem referência, ou “homenagem” a regiões e/ou expressões culturais e religiosas africanas e/ou afro-brasileiras (Tab. 3).

Tabela 3: Malacofauna marinha do Brasil com referência africana ou afro-brasileira

Espécie/sinóníma	Descritores	Distribuição geográfica
<i>Conus selenae</i> (~ <i>Conus yemanjae</i>)	Van Mol, Tursch, Kempf, 1967.	Endêmica do Brasil (PA-BA).
<i>Murexiella glypta</i> (~ <i>Murexiella iemanja</i>)	M. Smith, 1938.	Carolina do Norte à Flórida, Golfo do México, Yucatan, Brasil (AP-RJ; Abrolhos, Noronha).
<i>Muricopsis oxossi</i>	Petuch, 1979.	Brasil (Sul da Bahia; Abrolhos).
<i>Chicoreus senegalensis</i> (~ <i>M. costatus</i> ; <i>M. brasiliensis</i> ; <i>M. sirat</i>)	Gmelin, 1790.	Endêmico do Brasil (ES-SC) [por esta característica, o autor considera a denominação específica “senegalensis” equivocada].
<i>Dermomurex abyssicola</i> (~ <i>Dermomurex oxum</i>)	Crosse, 1865.	Índias Ocidentais, Brasil (BA-ES; Abrolhos, Ilha de Vitória).
<i>Cyphoma macumba</i>	Petuch, 1979.	Endêmica do Brasil (Abrolhos, BA).
<i>Strombus costatus</i> (~ <i>Strombus samba</i>)	Gmelin, 1791.	Carolina do Norte à Flórida, Bermuda, Índias Ocidentais, Norte da América do Sul, Brasil (MA-SP; Rocas, Abrolhos, Trindade).
<i>Vanikoro oxychone</i>	Morch, 1877	Flórida, Bermuda, Índias Ocidentais, Nordeste-leste do Brasil (PE-RJ; Cabo Frio, Abrolhos, Trindade).
<i>Mysouffa cumingii</i> (~ <i>Mysouffa finlayi</i>)	A. Adams, 1854	Flórida, Índias Ocidentais, Brasil (SE-RS; Tramandaí).
<i>Okenia impexa</i> (~ <i>Cargoa cupella</i>)	Marcus, 1957	Mediterrâneo, Carolina do Norte, Porto Rico, Brasil (SP: Ubatuba, São Sebastião, Santos).
<i>Seguenzia hapala</i>	Woodring, 1928	Jamaica, Flórida, Brasil Sul (Cabo St.Marta, Tramandaí, Solidão, Bujurú).
<i>Ganesa diaphana</i>	Verril, 1884	US (Massachussets, 2.300 m), Brasil (CE, 1.865 m).
<i>Akera bayeri</i>	Marcus, Marcus, 1967	Caribe – Colômbia, Brasil (PI).
Fam. CAECIDAE Gênero <i>Caecum</i> Subgênero <i>Elephantulum</i>	Gray, 1850 Fleming, 1813 Carpenter, 1857 Bartsch, 1920	

(~ <i>Elephantanellum</i> ; <i>Quadrata</i>)	Folin, 1867	
--	-------------	--

Legenda: ~ Sinonímia; outras denominações atribuídas às mesmas espécies.

FONTE: elaboração dos autores, com base em dados de RIOS, 1994.

Apesar do reconhecimento destas referências, como factíveis “homenagens” à cultura e religiosidade africana e/ou afro-brasileira, deve-se ressaltar que as mesmas inserem-se em um conjunto de **1.576 espécies** de moluscos marinhos com ocorrência (mas não necessariamente exclusiva) no litoral do país. Portanto, em apenas **14** das mesmas (**0,888 %**) foram empregados referenciais africanos e/ou afro-brasileiros; ínfima proporção, em contraposição ao conjunto daqueles predominantes, de alusão greco-latina (**99, 112 %**).

Estes resultados demonstram a tendência, presente em diversos contextos da pesquisa, formação e educação científica, de um grande distanciamento da mesma em relação às múltiplas identidades culturais indígena e afro-brasileira e africana. Esta situação parece refletir um longo processo indutivo de desenraizamento cultural, racista e discriminante - herança nefasta do colonialismo eurocêntrico -, ainda persistente e atuante, o qual determina:

- um profundo complexo de inferioridade da sociedade em relação aos antigos colonizadores, seus feitores e sucessores;
- a resistência perceptiva à realidade sociocultural (a complexidade das matrizes culturais indígena e africana, como indissociáveis da formação étnicocultural brasileira);
- a tentativa de negação da mesma.

Deve-se ressaltar, ainda, que tais denominações referidas como “homenagens” à cultura e religiosidade africana e/ou afro-brasileira podem, também, serem interpretadas de modo diverso (e perverso), como alusivas à percepção eurocêntrica das mesmas como algo “exótico”, comumente utilizado pela ciência ocidental diante dos

territórios, produções e manifestações culturais e religiosas dos povos originários.

Estas estratégias depreciam e reforçam, no senso comum da população, a invisibilidade da identidade e legitimidade das culturas indígena, africana e afro-brasileira e as suas contribuições no repertório cultural, científico e tecnológico compartilhado. Entendemos que, como tais, estas estratégias devem ser objeto de discussão e problematização pela ERER, visando sua superação.

Análise de metadados: possíveis equívocos nas fontes

Apesar de as referências históricas e culturais (neste caso, dos usos dos “búzios”), e suas fontes originais, serem objeto de análise do campo da História, a análise crítica sobre detalhes nelas contidos estabelece uma perspectiva mais integrada deste com as Ciências Naturais, para a compreensão dos processos sociohistórico, político-econômicos e ambientais envolvidos. Deste exercício, destacamos algumas aprendizagens:

A nomenclatura adotada para as espécies de “búzios”

Foram constatados alguns equívocos na atribuição da denominação à diferentes espécies de “búzios”, registrados nas Áfricas e no Brasil; tais fatos podem estar associados ao aspecto reducionista da cultura eurocêntrica, de tentar generalizar aspectos particulares constatados em outras culturas. Percebem-se dois casos básicos:

a) A utilização de diferentes nomes populares (“cauri” e “mzimbo” / “zimbo”), na África e no Brasil, em relação à uma mesma espécie e respectiva denominação científica (*Cypraea moneta* / *Monetaria moneta*);

b) A utilização de um mesmo nome popular (“mzimbo/zimbo”), na África e no Brasil, para distintas espécies e suas respectivas

denominações científicas (**b1**: *Cypraea moneta* / *Monetaria moneta*; **b2**: *Olivancillarianna* spp.).

Considerando a extensão, densidade e profundidade do conhecimento etnoecológico dos povos originários sobre seus territórios, estaríamos subestimando grosseiramente tal acervo informacional/relacional, se aceitássemos acriticamente diversas fontes históricas, as quais por vezes relatam os mesmos nomes para diferentes espécies, como se estas fossem as denominações usuais dentre os informantes dos referidos povos originários.

Parece-nos mais coerente que tais equívocos sejam resultados do processo de inferência dos “observadores” ocidentais/coloniais, desenvolvida a partir de sua ótica funcionalista, pela constatação de similaridade de categorias funcionais, ou “usos” atribuídos à determinadas espécies [por exemplo, a “função” de “moeda de troca”, atribuída, tanto ao conjunto de espécies (morfotipos) localmente denominadas “cauri”, como, em outros contextos, ao conjunto de espécies denominado “nzimbu” ou “zimbo”]. Esta similaridade de funções dentre diferentes espécies pode ter contribuído, inadvertidamente, para a associação funcional das diferentes espécies (morfotipos) reconhecidos pelos povos originários, às descrições efetuadas pelos naturalistas coloniais, resultando na atual incongruência de nomes científicos (que, por definição, devem ser monoespecíficos) atribuídos à diferentes morfotipos, em diferentes contextos ecológico-culturais.

A atribuição de “valvas” aos “búzios”

Dentre as publicações analisadas, descritoras dos usos culturais e religiosos dos “búzios”, também foram constatados alguns equívocos, na utilização de expressões anatômicas descritoras de tais moluscos, como no fragmento:

... no caso de **assentamentos de Exu**, como a *Monetaria moneta* é vista como **moeda mítica dos orixás** (Prandi, 2001) e tal entidade é uma das ligadas à via pública e ao comércio, **sempre se deve utilizar as valvas desse molusco em seus assentamentos**. Também **por se relacionar à Nanã e Omolu, as armas desses orixás** (o *Ibiri* e o *Xaxará*) **devem incluir** da mesma forma **suas valvas** [PEREIRA, 2014: 135; grifos nossos].

Para retificação, deve ser registrado que apenas os moluscos *Pelecípodes* têm “valvas” (por terem duas “conchas”, ou “valvas” articuladas, são chamados Bivalves); os moluscos *Gastrópodes* (onde se incluem todos os “búzios”) têm apenas uma carapaça cônica helicoidal, ou “caracol”.

O “cultivo” de “búzios”

Dentre as fontes analisadas, também foi constatada a referência à hipotética atividade produtiva de “cultivo” de “búzios”, como segue:

... Cruz (2010) lança uma luz tanto na procedência de determinadas espécies, quanto no trânsito destas entre a África e o Brasil. **Para o autor, a zimbo (*Olivancillaria nana*) (...), chegou a ser cultivada no sul do estado da Bahia no século XVIII**, para a utilização em transações comerciais na África [PEREIRA, 2015: 14-15; grifos nossos].

Esta referência sugere um equívoco interpretativo sobre as fontes originais nas quais teriam se baseado estas informações: assim como é corriqueiramente utilizada a expressão “produção”, no extrativismo pesqueiro (que nada “produz”, objetivamente, mas só “colhe”), é muito provável que a expressão “cultivada” em relação aos “búzios” tenha origem similar. Os referidos gastrópodes da família *Olividae* caracterizam-se como predadores (carnívoros), especialmente de poliquetas, pequenos pelecípodes e crustáceos. Mesmo atualmente, a viabilização técnica e econômica de tal “cultivo” demandaria uma grande estrutura e logística (pois implicaria no domínio do ciclo de vida

das espécies-fontes alimentares); além disso, no período descrito as restrições ideológicas e econômicas impostas pela coroa portuguesa sobre sua então colônia cerceava qualquer iniciativa empreendedora, que pudesse representar alguma - mesmo que remota -, ameaça aos seus interesses monopolistas.

Outras aplicações didáticas dos “búzios” nas interações ecológico/culturais

No campo da *Matemática* e ciências derivadas, destacam-se a Teoria dos conjuntos, semelhanças e diferenças morfológicas entre as espécies; o “Jogo de Búzios” e as aplicações da probabilidade e inferência estatística na determinação dos oráculos; modelos de reprodução/distribuição espacial dos gastrópodes e os riscos decorrentes do acentuado extrativismo; cálculos sobre as estimativas de extração e comércio de diferentes espécies exóticas de “búzios” importadas e de espécies nativas exportadas (demonstrando as repercussões nos respectivos ecossistemas e/ou mercados); discussão sobre a similaridade dos modelo extrativista/exportador com outros processos socioeconômicos, antigos e contemporâneos, baseados no extrativismo e suas implicações ambientais e políticas.

No campo das *Ciências Exatas e da Terra* (Geografia, Oceanografia), destaca-se o papel do conhecimento autóctone africano, árabe e eurocêntrico sobre astronomia, correntes marinhas e climatologia (monções), indispensáveis na pesca, navegação e comércio. Também foi essencial a sua capacidade de orientação espacial em ecossistemas muito densos (florestas) ou abertos (desertos), onde o sucesso comercial e mesmo a sobrevivência das expedições dependia dos guias de caravanas, com reduzidos pontos de referência disponíveis.

No campo das *Ciências Biológicas*, foi imprescindível conhecer a distribuição biogeográfica das diferentes espécies de “búzios”, seus hábitos e zonas de alimentação, e por vezes seus predadores; as técnicas, períodos e locais adequados ao seu extrativismo.

No campo das *Tecnologias*, a Cartografia e o SIG – Sistema de Informações Geográficas podem contribuir na integração e atualização das informações históricas e ecológicas, entre a distribuição biogeográfica das espécies (padrões de ambientes, massas d’água, alimentação e predação), com as principais áreas de extração das mesmas, e os mapas das rotas locais, regionais e internacionais de distribuição comercial. Este aspecto mostra-se muito útil no planejamento e gestão socioambiental dos estoques de “búzios”, como parte integrante do conjunto de “recursos” naturais marinhos de exploração econômica, compartilhados por diferentes etnias, comunidades e países, enquanto objetos de valor cultural e religioso.

Considerações Finais

No contexto da discussão sobre conteúdos adequados/pertinentes ao pleno desenvolvimento da ERER, vale recordar que:

... explicitando a **visceral diferença** de **culturas africanas** de tradição oral em relação às **lâminas cartesianas que “fatiaram” o mundo**, *Hampâté Bâ* ultrapassa a polaridade letrados/iletrados, situando as divergências na cosmovisão, nas formas de viver e interagir com o mundo (...). **Enquanto “simbiose de todas as Histórias** (...), tradições africanas, ainda que diversificadas, têm na visibilidade de seu corpo, a exteriorização de muitas sínteses e o **centro de relações entre o mundo dos vivos e dos mortos**. Em sua sabedoria proverbial, *Hampâté Bâ* acrescentou que, **para os africanos**, “tanto o simbolismo de seu corpo, quanto a complexidade de seu psiquismo” estão contidas em provérbio das tradições *bambara* e *peul*: “**as pessoas são numerosas no interior da pessoa**” (ANTONACCI, 2002: 170; grifos nossos).

Em uma sociedade como a brasileira, constituída historicamente enquanto socioeconomia periférica e dependente, para reverenciar os saberes e valores do norte (os “modelos” eurocêntrico e norte-americano-filo), em detrimento de sua matriz e pluralidade étnicocultural indígena e africana, desvincular as indissociáveis interações ecológico/culturais das/nas aprendizagens empíricas e acadêmicas, inadvertidamente, contribui para uma (re)produção científica excludente.

Além de um exercício de pesquisa inter/transdisciplinar, ousando adentrar os campos históricos e etnográficos, compreendemos este artigo como um esforço e potencial instrumento para a tentativa de reconexão ecológico/cultural da aprendizagem, e o esclarecimento de parte dos cenários e processos socioambientais e político-econômicos, ocultados/deturpados pela história e historiografia oficiais, repetidas (ano após ano) aos estudantes de todos os níveis de escolaridade e, ousamos sugerir - caminhos epistemológicos -, considerando o singelo mas potente “diálogo de saberes”, que se encontra impregnado/adsorvido nos diferentes usos culturais e religiosos dos “búzios” marinhos, com temáticas que se entrelaçam e convergem entre si.

Referências

- AGOSTINHO, Yuri Manuel Francisco. Um olhar tripartido sobre as demandas sociais atinentes ao processo de patrimonialização em Angola: história do tempo presente, patrimônio e usos do passado. *Revista África[s]*, 07 (13: 66-86, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/africanas/article/view/9406/6278>
- ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O Trato dos Videntes: formação do Brasil no Atlântico Sul (séculos XVI e XVII)*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. *Corpos sem Fronteiras. Proj. História* (São Paulo), 25: 145-180, Dezembro/2002. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/10586/7876>
- BENISTE, José. *Orum, Aiyé - o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a Terra*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1997.

- CACCIATORI, Olga Guidolle. *Dicionário de Cultos Afro-brasileiros* (3. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1988.
- CARDIM, (Padre) Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil* (texto original de 1597; edição inglesa de 1625; edição brasileira de 1881) [pp: 57-77]. In: ANTONELLI, Ronaldo; VILACHÃ, Francisco (Orgs.). *Primórdios da Literatura Brasileira* (Pero Vaz de Caminha, José de Anchieta, Fernão Cardim). São Paulo, SP: Escala Educacional Ltda., 2012 (80 p), 1ª edição [Série: Literatura Brasileira em Quadrinhos].
- CARDOSO, Paulino de Jesus Cardos. *Negros em Desterro: experiências de populações de origem africana em Florianópolis, na segunda metade do século XIX*. Itajaí, SC: NEAB – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina / Casa Aberta Editora, 2008 (396 p) [ISBN: 978-85-62459-06-1].
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Made in África*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1965.
- CASTRO, Haroldo. Conheça a etnia Hamer, da Etiópia: roupas, penteados e artefatos de uma cultura pastoralista. *Revista Eletrônica Época* (Rede Globo), 31/Agosto/2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/viajologia/noticia/2017/08/conheca-etnia-hamer-da-etiofia-roupas-penteados-e-artefatos-de-uma-cultura-pastoralista.html>
- COLTRO, Marcus Vinicius. Coleção por famílias (de moluscos marinhos) Cypraeidae. Portal Eletrônico Colecionismo (sd). Disponível em: <http://www.colecionismo.com.br/outras/conchas/materias/boletim002/> (acesso em: 10/Junho/2021).
- COSTA E SILVA, Alberto. *A Manilha e o Libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2002.
- CRUZ, Ronaldo Lima. Conchas valem dinheiro, escravos são como zimbos: a efemeridade da extração do zimbo no Sul da Bahia. *Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama* (IFBA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia), 01 (01): 13 pp., Agosto/2010. Disponível em: <https://publicacoes.ifba.edu.br/index.php/Pindorama/article/download/355/230/>
- GHOSH, Amitav. *Mar de papoulas* (Tradução: Cássio de Arantes Leite). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001 (530p) [ISBN: 978-85-7962-060-7].
- HOGENDORN, Jan; JOHNSON, Marion. *The Shell Money of the Slave Trade*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986 (230 p) [ISBN: 0521320860].
- LANGE, Karen E.; BECKWITH, Carol; FISHER, Angela. Himba: reféns do passado, advinhas do futuro. *Revista National Geographic Brasil* (São Paulo, SP: Editora Abril), Ano 04, N 45: 70-85, Janeiro/2004.
- LINARES, Ronaldo Antônio. *Jogo de Búzios*. São Paulo, SP: Madras, 2007.
- LODY, Raul. *Joias de axé: fios de conta e outros adornos do corpo - a joalheria afro-brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2010.
- MALINOSWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos da nova Guiné melanésia*. (Tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça; revisão de Eunice Ribeiro Durham). São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978. Coleção "Os Pensadores", XLIII [Orig. inglês; 1922].

- MARIA, Maria das Graças. Os Estados Sudaneses ao redor do Saara (pp: 71-76). In: MORTARI, Claudia (Org.). *Introdução aos Estudos Africanos da Diáspora*. Florianópolis, SC: DIOESC / UDESC, 2015 (207 p). [ISBN: 978-85-6921-302-4].
- MAYUNGA, Rosa; OLO, Kiese. *Os Reis do Kongo – Angola*. Lisboa, PT: Edições Revista Mwana Afika, 2016 (272 p).
- M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: história e civilizações*. Salvador, BA: Ed. UFBA / São Paulo, SP: Casa das Áfricas, 2009.
- MEDEIROS, José. Ritual de Iniciação no Candomblé [Terreiro de Oxóssi, Mãe Riso da Plataforma, Salvador, BA]. In: MEDEIROS, José (fotografias); SILVA, Arlindo (textos). *As Noivas dos Deuses Sanguinários*. Revista *O Cruzeiro* (Rio de Janeiro, RJ), 15/Setembro/1951.
- MORTARI, Claudia. História das Áfricas (século XVI ao XIX): apresentação (pp: 59-70). In: MORTARI, Claudia (Org.). *Introdução aos Estudos Africanos da Diáspora*. Florianópolis, SC: DIOESC / UDESC, 2015 (207 p). [ISBN: 978-85-6921-302-4].
- NGM-BR. Souvenires de conchas estão destruindo animais marinhos protegidos. Revista *National Geographic Magazine – Brasil* (Julho/2018). Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2018/07/souvenires-concha-molusco-trafico-india-animais-marinhos-protetidos>
- PEREIRA, Rodrigo. *Nas Margens do Atlântico: o comércio de produtos entre a África e o Brasil e sua relação com o Candomblé* (28 p). In: XI Congresso Brasileiro de História Econômica (Vitória, ES: Setembro/2015).
- PEREIRA, Rodrigo. Do Mar aos Axés: o uso dos moluscos nas religiões afro-brasileiras como exemplo da diáspora negra [Dossiê Temático – O Negro e o Legado da Escravidão]. Revista *Outras Fronteiras* (Cuiabá, MT), 01 (02): 120-143, Julho-Dezembro/2014.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001; 2004.
- PRISCO, Carmen S. *As Religiões de Matriz Africana e a Escola: guardiãs da herança cultural, memória e tradição africana*. Praia Grande, SP: Ile Asé / Instituto Oromilade, 2012 (49 p).
- RIOS, Eliézer de Carvalho. *Seashells of Brazil*. Rio Grande, RS: Fundação Cidade de Rio Grande / Universidade Federal de Rio Grande – Museu Oceanográfico, 1994 (328 p).
- RODRIGUES, Marcos. A diáspora africana na América do Sul por imagens. *Africanias.com* (Salvador, BA: UNEB – Universidade do Estado da Bahia), 03: 05 p, 2012.
- SALGADO, Sebastião. *Gênesis*. Colônia (Alemanha): Taschen GmbH, 2013 (517 p).
- SANDRONI, Paulo (Org.). *Novíssimo Dicionário de Economia*. São Paulo, SP: Best Seller, 1999.
- SAN MARTIN, E. *A viagem do pirata Richard Hawkins (1590-1594)*. Porto Alegre, RS: Artes & Ofícios, 2001 (429 p).
- SEPIR/SPCT-MJC. *Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana: caderno de debates*. Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial / Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais - Ministério da Justiça e Cidadania, 2016 (62 p). Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/igualdade->

[racial/caderno-de-debates-povos-e-comunidades-tradicionais-de-matriz-africana.pdf](#)

SILVA, Alberto da Costa. *A Manilha e o Libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2002.

SIMÃO, Santos Garcia. Visão holística dos museus e arquivos em Angola: uma abordagem histórica. *Transversos*, 15: 316-355, Abril/2019.

SOUZA, L. Rebelo. *Moedas de Angola*. Luanda, AN: Banco de Angola, 1966.

TAVARES, Julio Cesar; GARCIA, Januário. *Diásporas Africanas na América do Sul: uma ponte sobre o Atlântico*. Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008 (144 p).

Artigo recebido em 02/07/2021 e aprovado em 11/08/2021.